

# Camaradas!

Bastante ganhareis em lêr, de hoje em diante, nesta jornal, o seu novo folhetim.

Trata-se duma fantasia comunista da autoria de

**JEAN GRAVE**

intitulada

**TERRA LIVRE**

e em que se descreve a vida comunista

organizada pela tripulação dum navio de guerra

o por uma leva de operários deportados, que a tempestade arremessara para uma ilha deserta.

gem foi de 500.000 exemplares durante a greve ferroviária, e que é normalmente superior a trezentos mil.

No seu número de 1 do corrente, ocupa-se precisamente dum vasto plano de desenvolvimento do *Daily Herald* e da imprensa operária, de modo a torná-la uma arma aperfeiçoada, adequada às circunstâncias.

Com o concurso dos sindicatos, conselhos operários, partidos socialistas, comissões regionais, delegados de fábrica e simpatizantes, esperam os iniciadores, mediante uma campanha activíssima, obter os fundos necessários para aquisição de material moderno capaz de fazer face às necessidades duma enorme tiragem, em Londres e Manchester pelo menos. A tiragem actual, superior a 300.000 exemplares, tem-se mostrado com efeito insufficiente em face da procura.

E se durante a greve subiu muito, foi com o auxílio de Manchester e num esforço supremo, que não poderia prolongar-se, dados os meios existentes.

A nova empresa ficará sob a dependência directa do movimento operário.

O actual director do *Daily Herald* é Jorge Lansbury, ancião de 70 anos, — velho dec orpo, mas sempre jovem de coração.

Desejamos completo êxito à iniciativa, conhecendo a imprescindível necessidade da imprensa cotidiana operária nesta época.

MADRID, 16. — Dizem de Barcelona que as greves e os lock-out acabaram



jornais «de grande informação» fundiram-se, saindo com um só cotidiano, intitulado *La Presse de Paris*, aproveitando-se para isso dos serviços de alguns amarelos. Como resposta, a imprensa avançada, que dentro desse bloco da imprensa capitalista não podia ter entrada, formou um grupo oposto, constituído pelos jornais *La Butaille*, *La France Libre*, *Le Journal du Peuple*, *Bonsoir*, *L'Heure*, *L'Humanité*, *L'Oeuvre*, *Le Pays*, *Le Populaire* e *La Vérité*, saindo, com autorização do comité de greve, com um jornal único intitulado *La Feuille Commune*. É o cabegalho dum número desse jornal que hoje reproduzimos, pois não deixa de constituir um documento curioso.

## EM ESPANHA

**Toca a carregar no contribuinte**

MADRID, 14. — Como as câmaras foram abertas o governo apresentará hoje mesmo alguns projectos de reforma tributária entre eles o imposto de rendimento, o imposto de transporte marítimo, suprimindo todas as actuais excepções, e elevando o imposto sobre o alcohol e a cerveja. Aumentam as taxas postais, telegráficas e telefónicas; finalmente é criado o imposto sobre o aumento das fortunas desde Janeiro de 1916 até 31 de Dezembro do ano cor-

# Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

## JEAN GRAVE

I

O céu estava negro e com extensas manchas pardacentas que faziam mais obscura ainda a sombra dos seus contornos; a chuva caía com força e densidade; as ondas elevavam-se furiosas e caíam estrepitosamente; o vento soprava com raiva; o mar oferecia a visão terrível do conflito dos elementos desencadeados.

E sobre essa imensidade em rebeldia, semelhante a uma palha movida pelos remoinhos dum arroio, o navio de guerra *La Aretusa*, aspirado, pode dizer-se, pela tromba que o continha no seu seio, deslizava, fendendo as ondas e assaltado por elas, avançando em linha recta, arrastado pelo ciclone. Devido a uma avaria, as máquinas immobilisaram-se; tinham tentado izar as velas, mas o furacão levou-as destruído o leme, toda a manobra era impossível. Para cúmulo da angústia, descobriu-se uma rotura

no casco por onde entrava a água, e a tripulação, a tropa e os deportados revolviam-se no serviço das bombas, sem que a conseguissem esgotar.

Tendo saído de Brest havia quinze dias, transportando uma leva de deportados, *La Aretusa* acabava de ser surpreendida por um ciclone, ao qual se tratou de escapar fugindo a todo o vapor; porém a avaria ocorrida nas pás do hélice, entregou o navio à violência do meteoro, convertendo o comandante, do alto da sua cabine, em espectador impotente da carreira desenfreada que o arrastava.

Havia a bordo uma centena de homens de tripulação, uma companhia de infantaria de marinha, uns trescentos deportados e mais uma centena de mulheres que haviam obtido permissão de seguir os seus maridos, levando consigo os filhos, em número também de uma centena.

Aos primeiros sinais de tempestade, o comandante mandou fechar uma espécie de jaulas destinadas a encerrar os deportados e que se dobrassem as sentinelas, com ordem de atirar para o monte ao primeiro sintoma de insurreição. No que respeitava às mulheres e às crianças, houve um pouco mais de humanidade, deixando-os permanecer numa parte da entre-ponte. Por medida preventiva, o comandante proibiu que se divulgasse tão perigosa era a situação e algumas sentinelas tinham por missão impedir as relações com os tripulantes.

A água continuava a inundar o navio e foi necessário recorrer à ajuda dos

deportados para substituírem a tripulação, exgotada, cheia de cansaço, formando-se entre eles grupos de serviço. Mas, apesar de todos os esforços, a água ia aumentando insensivelmente e o navio, cuja perda se adivinhava rapidamente, deslizava debaixo do furacão com uma velocidade espantosa, desamparado, sem direcção, rodeado de ondas ameaçadoras que se elevavam muito alto e caíam com um estrondo atordoador. No entanto, tripulantes e deportados rivalisavam em actividade e zelo. Perante a calma com que os deportados receberam a notícia do perigo que se corria e a prontidão com que se dedicaram às manobras, o comandante julgou prudente revogar as suas primitivas ordens. As jaulas foram abertas e os deportados que aguardavam a sua vez de ir trabalhar com as bombas, podiam circular de uma jaula para a outra, debaixo da vigilância das sentinelas que, apesar de tudo, se julgára prudente conservar.

Os oficiais tinham discutido a conveniência de se construir uma jangada; mas em face da impossibilidade de embarcar nela tanta gente, ainda contando com as lanchas, desistiu-se da idea. Para não ser engulido pelo abismo, cada qual pensava que era preciso opor-se com todas as suas forças à invasão da água; ou pereceriam todos ou se salvariam todos. O pequeno número de oficiais, mudos e sombrios, rodeava o comandante; a cada momento interrogavam o céu com um olhar, esperando ver uma claridade que permitisse formar um juízo, porque já não havia mais

que uma esperança: ser arrojados contra uma costa onde pudessem encontrar refúgio.

E o navio continuava deslizando, como que aspirado pelo meteoro, que o arrastava na sua carreira desenfreada.

\* \* \*

A chuva cessara; o vento parecia abrandar.

— Comandante—veiu dizer um oficial—o contra-mestre Jeannic anuncia que a água aumentou um centímetro.

— Está bem. Diga-lhe que não comunique a triste notícia aos homens, para que não desanimem. Que se limite a declarar que o nível da água continua à mesma altura e que é necessário redobrar de esforços.

O oficial saudou e deu meia volta. O comandante dirigiu-se aos oficiais que o rodeavam:

— ¡Se ao menos soubessemos onde nos encontramos! ¡Em que direcção nos arrasta a tempestade! Porém a bússola enlouquecida não nos dá indicação que nos sirva. Ignoro aonde vamos. A única coisa que sei é que, desde que rebentou a tempestade, devemos ter feito um trajecto enorme...

Não pôde terminar a frase. De repente perdeu o equilíbrio, conseguindo evitar a queda, agarrando-se à *passerelle*, enquanto que os oficiais rolavam todos no solo. Acabava de dar-se um choque violento; o navio, sacudido em todo o seu arcabouço, teve como que uma espécie de estremeicimento; depois ficou imóvel, como se uma mão gigantesca o tivesse agarrado. Todos, depor-

tados, marinheiros e soldados foram projectados uns contra outros e rodaram pelo solo; olharam-se ansiosos, ignorando o que ocorrera.

— Certamente que encalhamos sobre algum recife—murmurou o comandante quando recobrou a serenidade.—¡Se ao menos estivessemos próximos de terra! Veja o senhor se descobre o que ocorre, disse, dirigindo-se ao imediato e dedicando-se a examinar com redobrada ansiedade o horizonte.

Um as nuvens negras obscureciam ainda a parte da atmosfera que ficava atrás dos naufragos; porém, à frente, lá ao longe, via-se resplandecer o mar debaixo do céu azul. Cessara o vento; as ondas eram cada vez menos altas; a tempestade tocava o seu fim.

— Meu comandante, a água diminuiu no porão—veiu dizer um oficial que vigiava o trabalho das bombas.

— ¡Perfeitamente!—disse o comandante, alegremente surpreendido.— Que se distribua vinho aos homens e que redobrem de energia.

— O navio está colhido entre duas rochas—disse o imediato, que esperara que o officia se retirasse, para fazer a sua comunicação.

— Poder-se há pô-lo o flutuar?—interrogou o comandante.

O imediato fez um gesto de dúvida. — Só isso nos faltava—disse o comandante—Felizmente, agora que as bombas vencem a água, podemos occupar-nos do salvamento. ¡Se não estivessemos longe de terra!—E interrogou o horizonte.

As nuvens deslizavam deixando a des-

coberto a formosa luz do dia; porém, quando a vista podia estender-se, via-se o mar tranqüillo, sereno e brilhante em toda a sua extensão, sem mais limites que o horizonte. O comandante rondava-o, mas por todos os lados só via brilhar as ondas debaixo dos raios do sol, que se ostentava resplandecente. Não pôde evitar um gesto de desalento e voltou-se para a outra parte do horizonte, obscurecida pelas nuvens que se afastavam e cuja sombra se projectava sobre as ondas.

— Terra!—exclamou de repente o vigia, que permaneceu no seu posto.

Com effeito, a alguma distância do barco, as nuvens que a cubriam iam-se dissipando e surgia uma linha parda que, com effeito, não podia ser senão terra. ¡Ilha ou continente? Pouco importava! Confirmava a esperança de salvamento, representava a vida para todos.

— Livramo-nos de boa!—murmurou o comandante, que acrescentou, dirigindo-se ao imediato:

— Senhor de Mortcerf, mande lançar uma lancha ao mar e vá reconhecer o país, enquanto nos inteiramos do estado do navio e estudamos a possibilidade de o pôr a flutuar.

II

Antes de continuar este relato, é indispensável dar a conhecer ao leitor que espécie de homens eram esses deportados e a que acontecimentos deviam estar entregues daquelle modo aos rigores do Estado.

Havia muito tempo que os pobres, os miseráveis, os que suportam todo o peso da organização social, produzindo a abundância e o luxo, recebendo em troca, como parte nessa produção, misérias e privações, sofriam a sua sorte mais ou menos pacientemente, julgando natural que entre homens houvesse quem mandasse e que os que mandavam fôsem mais bem pagos pelo seus serviços que os que obedecem, tendo de contentar-se estes com o que deixassem aqueles. Depois, tinham aparecido os sacerdotes, explicando que, sendo o trabalho o castigo da raça humana, era necessária a submissão a elle afim de se ganhar o céu.

Tudo isto, porém, não impediu que pouco a pouco surgisse a dúvida, até que appareceu quem perguntasse como era que os que levavam toda a carga passassem fome e os que nada faziam disfrutassem a abundância do necessário e do supérfluo.

Mas como não se tinha chegado, todavia, a perguntar porque havia quem mandasse e quem obedecesse, tinham-se attribuido as causas da miséria à maneira de governar dos que exerciam o poder e tinha-se imaginado que, depondo os que governavam e substituindo-os por outros que prometiam fazer todos ditosos, se veria enfim florescer a justiça entre os homens.

Continua.

# Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

## II

Sobrevieram revoluções. Mudou-se por várias vezes de forma de governo: da Monarquia passou-se à República, da República ao Império, para voltar à Monarquia e depois duma dúzia destas mudanças tornou-se uma vez à República; porém, se durante essas revoluções se logrou mudar de monopolizadores do poder, se os operários tinham obtido algumas liberdades políticas, para a maioria deles de nada serviam tais liberdades, porque a sua situação continuava sendo miserável e não é livre aquele a quem um trabalho exgotante retém na ignorância e na miséria, pois que para se exercer a liberdade é necessário dispor de tempo e dinheiro, do que carece sempre o trabalhador. Tais decepções, tam frequentemente repetidos, acabaram por inspirar aos proletários a convicção de que o governo não é mais que a argola que

os sujeita à servidão económica, e que qualquer que seja a mão que a segura, oprime sempre com dureza quando os oprimidos tentam reclamar o que de direito lhes pertence.

Compreenderam que o importante não era a forma de governo nem o inscrever-se nos códigos leis concedendo muitos direitos que a falta de meios de exercê-los faziam absolutamente inúteis; que a sua miséria resultava de que a sociedade estava dividida em ricos e pobres e dos pobres, obrigados, para comer, a vender as suas forças de trabalho aos ricos, serem por estes obrigados a trabalhar em seu lugar, tendo cuidadoso empenho em relê-los na miséria, para que estivessem sempre de baixo da sua dependência. Então, a luta mudou de aspecto: converteu-se numa luta dos pobres contra os ricos, dos esfomeados contra os fartos.

Porém, o homem que trabalha doze horas diárias, escassamente pode desenvolver a sua inteligência, sobretudo quando seus pais, devido à miséria, se viram obrigados a tirá-los da escola antes de tempo para levá-los para a fábrica e também quando nessa escola se teve o cuidado de lhe ensinar que o existente não é susceptível de melhoria, que não pode ser de outro modo, e que se deve respeitar o aguzil, o guarda, o juiz, o deputado, o governador e todo o governo, assim como o banqueiro, o patrão e a quantos sejam mais ricos do que ele.

Assim se explica que os trabalhadores tenham adquirido consciência da sua situação e das verdadeiras causas da sua

miséria com tanta lentidão. Só numa pequena minoria se desenvolveram as ideias de emancipação, a necessidade de participar dos gozos da vida, de ser homens e não máquinas de produção.

E assim, debaixo da influência desta minoria, as reivindicações tomaram um carácter económico, quer dizer: pediram-se mudanças na propriedade. Mas o erro político estava demasiadamente arraigado nos cérebros para desaparecer por completo e isto contribuía para dificultar os esforços dos que haviam compreendido.

No entanto, a educação ia avançando e as reivindicações acentuavam-se num sentido económico, tendo-se encontrado meio de ensaiar as forças operárias com o que se chamava greve geral, e que consistia em paralisar, num dado momento, o trabalho em todas as partes e em todos os ramos da indústria, para demonstrar aos burgueses que a vida social depende toda da actividade dos que trabalham. Em diversas ocasiões se tentou a greve geral, mas fracassou sempre por falta de acôrdo entre os trabalhadores, devido à ignorância da grande maioria. Porém essas tentativas, ainda que com êxito tam desgraçado, chamaram a atenção dum certo número, ensinando-lhes o que podia a união, conseguindo-se, por fim, um dia, quando menos se esperava, deter toda a vida social, cessar todo o trabalho, prolongando-se durante três dias a paralisação em várias povoações.

A maior parte das linhas do caminho de ferro viram o seu serviço desorganizado, não circularam os correios, ape-

sar de se ter tentado fazer o serviço por meio de soldados, nalgumas cidades ficaram bairros finteiros sem pão nem carne. Unicamente os grevistas que tinham feito provisao antecipada, puderam socorrer os grevistas de ultima hora, arrastados pelo movimento. Por desgraça, este só se generalizou num pequeno número de localidades. Algumas cidades, que se julgava dariam o exemplo, iludiram todas as esperanças. Além disso, justo é reconhecer, entre os próprios grevistas havia poucos plenamente conscientes os resultado a alcançar e viram-se sem saber que fazer com a vitória alcançada. Muitos voltaram ao trabalho contentando-se com as falazes promessas dos seus exploradores, enquanto que o governo fazia prisões em massa. O movimento foi detido e acabou-se por dominar os seus iniciadores.

Porém, a burguesia sentiu um medo terrível e, querendo impedir a repetição do perigo, iniciou uma campanha jornalística. Demais, como nalguns pontos tinha havido conflitos com a tropa, com mortos e feridos de ambas as partes, a campanha foi muito facil, tendo a burguesia feito jogo com todos os seus jornais. Por toda a parte se reclamaram medidas de rigôr: dissolução de sociedades operárias, suspensão de orgãos corporativos, deportação dos agitadores e de todos aquêles que podiam inspirar ódio e medo aos lacaios da pena.

O governo, que não desejava senão isso, tomou autorização dêsse conjunto unânime — unânime porque se tinha

amordaçado quantos podiam lançar uma nota discordante — para se lançar na arbitrariedade. Compreendia que não havia tempo a perder, que as leis repressivas só tem força enquanto as apoia a opinião pública e que não conseguiria calar indefinidamente a verdadeira opinião e deliberou proceder, sem inquietar-se com as formas legais nem perder tempo em discussões peiosas no parlamento para a obtenção de novas leis; era mais rápido e cómodo desentpoetrar alguma das antigas e applicá-la com mais ou menos oportunidade ao caso presente.

Todos os indivíduos que o movimento avançado e associativo contava pela sua intelligência e actividade, foram encarcerados. Organisaram-se tribunais especiais que começaram a funcionar immediatamente e, como tinham sido bem escolhidos os componentes dêsses tribunais, todos os que a eles foram submetidos sofreram a condenação de deportação para a Guyenna ou para as paragens mais insalubres da costa de Gabão.

*La Arelusa* era um dos navios destinados para levar à morte pela febre e pelo esgotamento, em cumprimento das sentenças pronunciadas, uma parte dos que, desejando a maior liberdade e felicidade para todos, tinham feito tremmer de medo os que vivem à custa da miséria e da escravidão dos produtores. Por um favor imprevisito, era o primeiro que tinha sido destinado a uma colónia salubre; dirigia-se à Nova Caledonia.

## III

Quando o imediato voltou a dar conta do seu reconhecimento, começava a anoitecer. Enquanto examinava a costa próxima e visitava parte do território, tinha-se reconhecido o estado do navio. A tempestade tinha-o arremessado entre dois rochedos à flor da água, onde se achava refido, estreitado como numa prensa gigantesca. A abertura por onde entrava a água, por achar-se encostada ao rochedo, encontrava-se quasi tapada, e aos calafates foi facil tapá-la por completo, acabando-se, depois, de esvasiar o porão. Assim, o comandante pôde prestar toda a atenção ao relato do imediato.

Segundo os indícios observados, a terra que se tinha á vista era uma ilha de relativa importância, desabitada, apesar da vegetação parecer muito exuberante. Por falta de tempo, não tinha podido inteirar-se se ali encontrariam meios de subsistência, aparecendo no entanto, um cómodo refúgio, onde se poderia pensar na forma de pôr a flutuar o navio, se isso seria possível com os meios de que se dispunha ou, ao menos, aguardar-se um ensejo para a repatriação.

Já em plena noite, decidiu-se que o desembarque se effectuasse no dia seguinte. O comandante faz formar todo o mundo na ponte; felicitou primeiramente a tripulação pelos seus bons serviços e aos soldados pela sua disciplina; depois, dirigindo-se aos deportados, agradeceu-lhes a sua obediência e o

zêlo que tinham desenvolvido para salvar o barco; assegurou-lhes que esses serviços seriam tidos em conta quando os podesse conduzir ao seu destino. Terminado o discurso, deu ordem para descansar, recomendando que todos se aprontassem para o desembarque do dia immediato.

Os deportados não se manifestaram perante a alocação do comandante. Não obstante, na sua attitude havia alguma coisa que dava a entender que não se consideravam já prisioneiros. Ou porque o comandante, disse se não tivesse apercebido, ou porque não ouzasse dar a necessária ordem, não os obrigou a voltar ás suas jaulas e poderam acomodar-se a seu gosto na parte da entreponte que lhes estava destinada. Unicamente as sentinelas, que guardavam as saídas com as armas carregadas e dois canhões cheios de metralha, que continuavam mostrando as suas ameaçadoras bocas, lhes recordavam que a autoridade se julgava ainda todopoderosa. Porém, antes de entregar-se ao repouso, formaram grupos e celebraram conciliábulos, vendo-se alguns indivíduos saír dos seus grupos, acercarem-se doutros e voltarem ao ponto de partida.

*Continua.*

